

ETNOBIOLOGIA DE *CARAPA GUIANENSIS* AUBLET (MELIACEAE) NA AMAZÔNIA BRASILEIRA

Leite, A.M.C.¹; Hay, J.D.²; Silva, M.F.F. da³ & Valois, A.C.C.⁴

¹ Embrapa Amazônia Ocidental, Manaus-AM; ² Universidade de Brasília, Brasília-DF; ³ Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA; ⁴ Embrapa Recursos Genéticos, Brasília-DF.

Carapa guianensis é madeireira e medicinal dos trópicos do Novo Mundo; a madeira é resistente ao ataque de insetos e propicia à vários usos; o óleo extraído das sementes, é utilizado na medicina popular. Possui distribuição ampla, por isso cinco estados (Acre, Amazonas, Pará, Amapá e Maranhão) foram estudados, enfatizando-se dados de uso étnico para cinco principais regiões (Acre, Tabatinga/Leticia, Manaus, Belém/Marajó e Axixá - MA) extratoras de sementes/produtoras de óleo. Informações a campo foram obtidas em Axixá-MA, Belém-PA, e Manaus-AM. Nas entrevistas eram abordados os assuntos: 1) produtividade, 2) utilização, 3) retorno econômico do extrativismo, 4) processo de extração, 5) utilização do produto, 6) participação da comunidade. Para duas regiões (Acre e Tabatinga (AM) / Leticia-Colômbia), foram colhidas informações bibliográficas e de terceiros sobre os assuntos das entrevistas de campo. As informações foram acrescentadas ao trabalho para enriquecimento. A análise de uso da espécie foi baseada na distribuição geográfica, densidade nos principais estados, importância do extrativismo em cada região, tipo de exploração (extrativismo de sementes, exploração madeireira ou ambos) e participação ou não da comunidade. Dentre os cinco estados visados, o Maranhão, o Pará e o Amapá foram expressivos em produção de óleo. Por 20 anos o Maranhão foi o maior extrator /produtor de óleo. As cidades de Morros e Axixá destacaram-se mais nessa atividade, seguidas de Rosário e Presidente Juscelino; Turiaçú, apresentou a menor produção. O Pará foi o segundo maior produtor e as principais cidades extratoras foram Cametá, Mocajuba e Barcarena. A menor produtividade foi para Vigia e Aveiro. O Amapá foi o terceiro, com Macapá destacando-se na produção. Amapá, Calçoene e Oiapoque tiveram produção respectivamente menor. Amazonas e Acre não foram considerados pelo IBGE devido à inexpressão da produção. No Acre o extrativismo é feito nos moldes tradicionais: coleta de sementes em populações naturais - processamento caseiro do óleo - venda do produto. Esse modelo, está ameaçado pela extração madeireira intensificada na região nas últimas décadas. Como a ocorrência da espécie no Acre é baixa, a coleta de sementes para extração do óleo é atividade paralela do seringueiro. A produção do óleo é escassa, restrita ao consumo local e economicamente inexpressiva, com pouca ou nenhuma participação da comunidade no processo. Na região de Tabatinga / Leticia a andiroba é mais utilizada para madeira, devido ao lucro imediato e à baixa produtividade das sementes (típica para as populações da região Ocidental da Amazônia). Por isso o óleo é adulterado com outros produtos para atender mercado local. Nas conversas com as comunidades, foi registrada a necessidade de respostas de pesquisas visando plantios, enriquecimento e aumento de produtividade e da qualidade das sementes. Em Manaus, a produtividade de sementes observada foi muito baixa; nos locais amostrados a frequência da espécie em populações naturais foi baixa, restrita e esparsa. Isso explica a pouca produção de óleo. Segundo o RADAM BRASIL, a espécie está representada por indivíduos de grande porte

(até 90cm de diâmetro de tronco), embora em baixa frequência. Há falta de tradição na extração do óleo. Em Manaus a atividade é feita por qualquer pessoa, isoladamente, sem envolvimento comunitário. Homem e mulher podem fazê-lo, dependendo da necessidade de utilização caseira do óleo em baixa escala. Em função da baixa produção de sementes o Amazonas é o principal abatedor de árvores de andiroba para fins madeireiros. Em 1974 ela esteve entre as principais espécies exploradas para madeira nos Municípios de Manaus (37m³), Novo Airão (49m³) e Tefé (3.411m³). A falta de tradição na extração de óleo conduz à exploração madeireira, e pode ameaçar a espécie. Na região de Belém/Marajó há tradição na extração de óleo de andiroba. A participação é comunitária e a cargo das mulheres. Muitas crendices rodeiam o processo. Mulheres em período menstrual não participam da extração. O uso do tipiti para extração do óleo e de paneiros (cestas) para acondicionar sementes na beira do rio até o início da extração, é comum. A extração e o acondicionamento de sementes foi presenciado na várzea do Aurá e é comum na região. As sementes do período mais seco (junho a julho) são consideradas melhores para produção do óleo, não só pela quantidade, mas pela qualidade. As sementes das “águas grandes” e dos fins de safra são desprezadas pelos extratores. Cumbú e Marajó, ilhas da foz do Amazonas, são tradicionais nessa atividade. Abaetetuba foi incluída na região Belém/Marajó, mas o local visitado foi de plantio homogêneo. O sítio fornece sementes para uma indústria extratora e beneficiadora de óleo. O plantio tem em torno de 15 anos e aos 5 anos iniciou produção. Foi plantada para substituir a pimenta do reino. Inicialmente foi consorciada com o açaí, mas sem sucesso, embora em condições naturais ocorram juntas. A *Hypsipylla grandella* atacou o plantio desde as fases mais jovens, produzindo bifurcações nos troncos, não impedindo o crescimento nem interferindo na produção de sementes. A produção, em 1966, foi considerada pequena (130 sacas de 40 a 45kg/saca). No local, depois que os frutos caem, leva-se 1 mês até a colheita, tempo suficiente para que a semente não apodreça. Se não há demanda imediata, é necessário mantê-las secas, sob umidade em torno de 5% para preservá-las. As sementes que sobram da venda ou da não utilização para extração caseira do óleo, são usadas como adubo para a pimenta do reino. Na época da frutificação, a família se envolve na coleta de sementes. A região de Axixá apresenta padrões de uso semelhantes aos de Belém. Na localidade de Veneza, andirobal natural de terra firme, as mulheres se encarregam da extração do óleo e respeitam as mesmas crendices e rituais. As diferenças entre as duas regiões decorre da ausência do uso do tipiti para extração do óleo e o processo não inclui o acondicionamento de sementes, devido ao habitat; a extração é imediata à coleta dos frutos. A massa resultante das sementes pré-cozidas é posta sobre meios troncos ocos de “siribeira” inclinados para que o óleo escorra em latões de banha, reutilizados. O retorno econômico da atividade é baixo. O lucro é do atravessador, que compra o óleo direto das comunidades e distribui para as feiras livres. A ampla distribuição geográfica de *C. guianensis* demonstra muitas peculiaridades quanto ao seu aproveitamento histórico pelo homem. A falta de tradição na extração do óleo leva à exploração madeireira da espécie. Na Amazônia oriental, maior densidade que na ocidental, há tradição na extração do óleo. Os ribeirinhos preservam a espécie durante o roçado nas várzeas e plantam-na em agroflorestas, como em Abaetetuba. No estuário, a espécie era produto do extrativismo até a década de 70; a partir daí perdeu importância como medicinal devido à demanda por produtos madeireiros, ocasionando colapso agrícola e declínio extrativista. A espécie passou a ser cortada e poucos municípios do Baixo Amazonas continuaram

praticando a extração de óleo. A migração da população do interior para a capital (Belém) nesse período, pode ter contribuído para mudanças no uso da espécie no local. Há tendência ao extrativismo degradante (extração madeireira) advinda da falta de tradição do uso potencial da espécie. Assim, a Amazônia ocidental se dedica ao abate de árvores para extração da madeira, enquanto que na porção oriental o abate só ocorre se um fator agravante (crise econômica p. ex.), interfere sobre o extrativismo de sementes. Embora a espécie tenha sofrido interferência em suas populações no Baixo Amazonas em décadas passadas, atualmente, com as agroflorestas implantadas para atender a demanda por serviços e produtos autóctones (p. ex. indústrias extratoras de óleos), começam a surgir plantios consorciados ou puros, como o que foi visitado em Abaetetuba. A conservação da espécie na Amazônia oriental prevê uma conservação antrópica que beneficiará a espécie e as comunidades extratoras de óleo, o que condiz com a idéia de que reservas genéticas podem ir desde unidades com pouco ou sem manejo até unidades com manejo intensivo, onde o homem é responsável pela preservação de populações e comunidades e pela sobrevivência da espécie. A espécie é potencial para manejo e sua conservação *in situ* pode basear-se em várias formas, sendo proposto o homem como responsável pela conservação nos locais de exploração de óleo - Amazônia Oriental. A região oriental pode ser proposta como prioritária para coleta de germoplasma, com transferência do mesmo para um banco *ex situ* a campo (a recalcitrância das sementes impede a conservação destas a longo prazo em câmaras de armazenamento). Na Amazônia ocidental tem apelo à conservação *in situ* (em reservas genéticas), e requer estudos de melhoramento para aumento da produtividade de sementes para utilização medicinal, menos degradante que a exploração madeireira atual.

1 Embrapa Amazônia Ocidental

Caixa Posta 319

69.011-970, Manaus, AM

Fone: (092) 622-2012 R.291 Fax: (092) 232-8101

E mail: angela@cpaa.embrapa.br